

Moreno Veloso
mostra canções de
seu novo álbum

PÁGINA 2



Fernanda Torres
pode ser a melhor
atriz em Veneza

PÁGINA 10



Um roteiro do
nhoque muito
além do dia 29

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Um dos festivais mais charmosos e tradicionais da cidade, o Arte de Portas Abertas, em Santa Teresa, terá sua 32ª edição nos dois primeiros finais de semana de setembro: dias 7 e 8, 14 e 15, com o tema “Cores do Bonde”. O artista plástico Valter de Gaudio, idealizador do evento que costuma reunir cerca de 30 mil visitantes, destacou a importância do bondinho para o bairro e para a cidade e porquê da escolha pelo histórico meio de transporte local.

“A arte sempre foi um instrumento de reflexão. E neste acho chamamos o público a refletir sobre a importância do bondinho para a cidade, para o turismo e para os moradores e comércio da região. O bonde não é apenas de Santa Teresa, mas do Rio de Janeiro. E na abertura do festival teremos um grande cortejo, do Curvelo ao Largo dos Guimarães com artistas do bairro, grupos de dança e de circo, e quem mais quiser chegar”, diz Gaudio.

Serão quatro dias de exposição coletiva em diversos pontos a partir da sede do evento, o Parque Glória Maria (antigo Parque das Ruínas), berço da arte e importante centro cultural de Santa Teresa. Assim como



Alexandre Maciel/Riotur

nas edições anteriores, o circuito de exposições abertas também acontecerá no Museu da Chácara do Céu, nos ateliês dos artistas participantes, que terão suas portas abertas à visitação, nas galerias de arte Modernistas, Estúdio Dezenove, Galeria Preta - escola de Arte, Galeria Zé Andrade, Galeria Ciro Fernandes, Espaço de Artes Casa Amarela, Museu Casa de Benjamin Constant e nas praças e ruas de grande movimentação do bairro, como Largo das Neves, Largo do Guimarães e Largo do Curvelo, onde haverá intervenções artísticas ao longo dos quatro dias de evento.

“Uma vasta programação cultural também ocorrerá paralelamente às exposições. Um dos compromissos do Arte de Portas Abertas” é dar voz e potencializar artistas e projetos inclusivos e de relevância cultural, social e ambiental voltados para as comunidades do bairro e entorno. Assim, além do incentivo à cultura, incluiremos projetos de cunho social e ambiental”, explica Gaudio.

Não sabe o que fazer neste fim de semana? Só vem!

SERVIÇO

ARTES DE PORTAS
ABERTAS
7, 8, 14 E 15/9
Mais informações em
<https://encr.pw/091J4>

SANTA DE PORTAS ABERTAS PARAA ARTE

O histórico bairro de Santa Teresa transforma-se numa imensa galeria de arte a céu aberto

Uma casa de bambas

Sambabook aterrissa na Cidade das Artes com espaço temático

A Cidade das Artes será nos próximos fins de semana o ponto de encontro dos amantes do samba. Nascida para celebrar o Sambabook, maior plataforma de conteúdo da história do gênero, a Casa Sambabook abre as portas com programação variada e gratuita. Distribuída em cinco diferentes níveis, o espaço temático abriga exposição com áudios, registros fotográficos, depoimentos de artistas e dos homenageados das cinco edições anteriores do projeto: João Nogueira, Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Dona Ivone Lara e Jorge Aragão.

Ao fim da experiência imersiva, o público



Um dos ambientes da Casa Sambabook, que será aberta neste sábado

encontra um botequim carinhosamente batizado de Bethquim para celebrar Beth Carvalho, homenageada da sexta edição do projeto. Durante cinco noites, o Bethquim recebe a Roda de Samba da Madrinha, formada por músicos que tocaram com Beth, e atrações como as cantoras Lu Carvalho e Marina Iris, os grupos Samba Que Elas Querem, Prettos e Roda de Saia, além dos jovens sambistas Mosquito e Enzo Belmonte. Além de samba do bom, o Bethquim terá petiscos especialmen-

te criados pela cantora e também chef Lu Carvalho, sobrinha de Beth, inspirados nas predileções gastronômicas da homenageada.

A Casa Sambabook promove ainda oficinas com músicos que tocaram com Beth, além da oficina com Carol Vilanova, da Cia de Dança de Carlinhos de Jesus, entre outras atrações. A programação inclui ainda um workshop com Anita Carvalho sobre planejamento estratégico para novos artistas do samba, palestras com escritores, jornalistas e historiadores, como Luiz Antônio Simas, João Pimentel, Rafael Mattoso, Chris Fuscald, Kamille Viola e Rodrigo Faour, autor da

discobiografia de Beth Carvalho.

Idealizador do Sambabook, Afonso Carvalho conta que a própria Beth aprovou o nome “Bethquim”, já que a ideia de homenageá-la já existia: “Foi uma brincadeira que eu fiz com a Beth. Ela morria de rir com essas brincadeiras com nomes”.

SERVIÇO

CASA SAMBABOOK

Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca)
7, 8, 13, 14 e 15/9, às sextas (14h às 22h) | sábados e domingos (10h às 22h) | Grátis

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Ezra Makgope/Divulgação



Transcendência

O pianista sul-africano Nduduzo Makhathini apresenta nesta sexta (6), às 20h, no Blue Note Rio o show “uNomkhubulwane”, que explora a história do continente africano de maneira única e imersiva. Seu álbum mais recente tem o nome de uma deusa Zulu que é a filha única de Deus e uma manifestação do próprio propósito de criação. Nduduzo ganhou reconhecimento global pela transcendência espiritual de sua música

Rodrig Pena/Divulgação



Releituras

A Casa França-Brasil recebe nesta sexta, das 17h às 19h, dentro da série Vempracasa, o trio Jazz Colado. Formado pelos músicos Thiago Lopes (guitarra), Fábio Cezanne (bateria) e Mário Coutinho (baixo), o grupo apresenta releituras instrumentais singulares para clássicos da música brasileira e do jazz internacional, cruzando ritmos diversos como samba, bossa, afoxé, baião, xote e jazz. Grátis

Divulgação



Sem agrotóxico

O cantor e compositor faz o show “Samba sem Agrotóxico”, referência ao saudoso Mestre Monarco da Portela, que usava o termo ao se referir ao samba puro e de qualidade. Figura carimbada nas melhores rodas de samba do Rio, Chico Alves apresenta seu repertório autoral e também suas parcerias com Toninho Geraes, Moacyr Luz e Wilson das Neves. Sábado (7), às 19h, no Armazém do Campo (Rua Mem de Sá, 135). Grátis

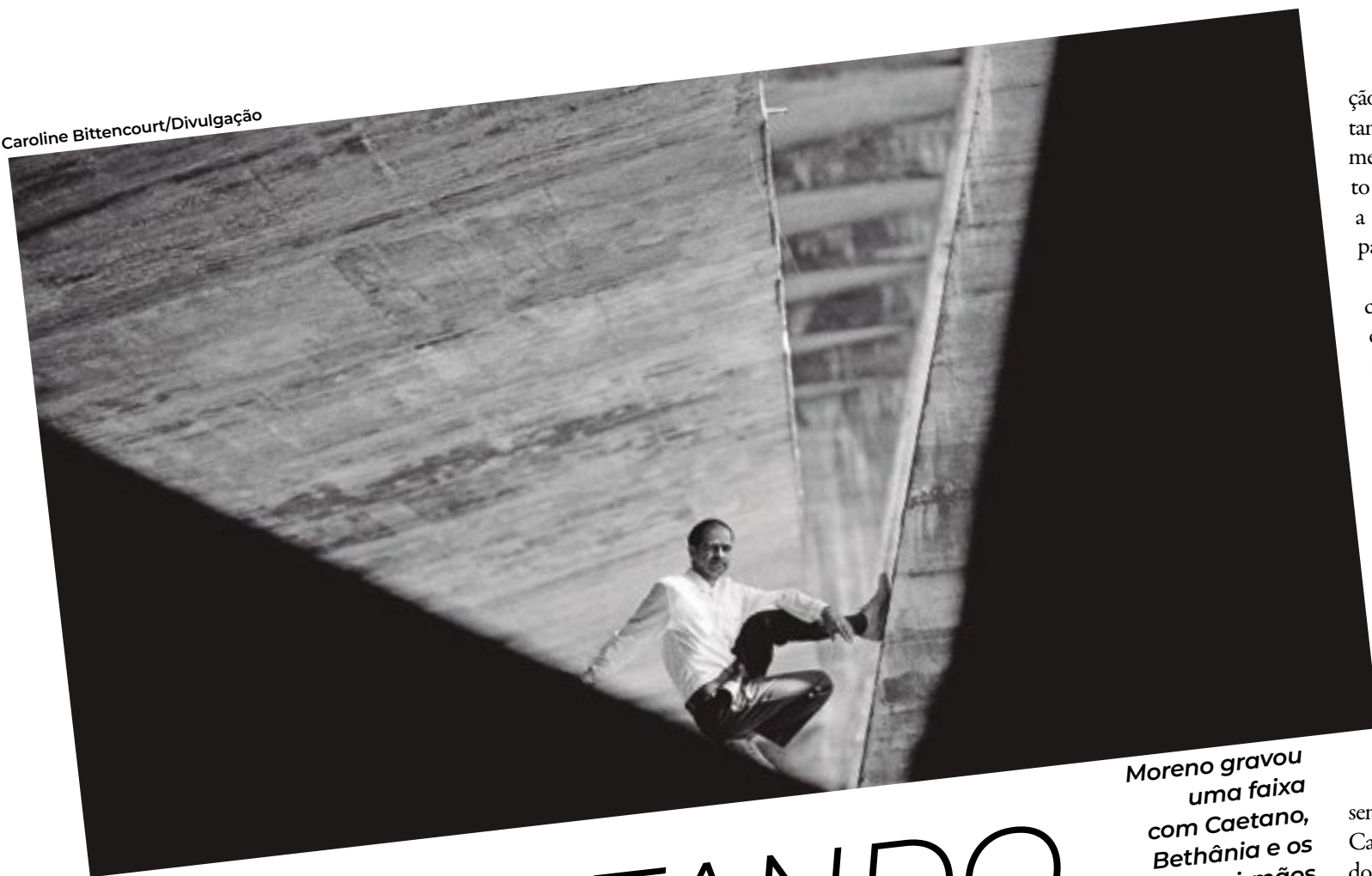
Divulgação



Canto resistente

Sob direção musical de Priscila Bomfim, a soprano Cintia Fortunato, o barítono Fábio Belizallo e os tenores Geilson Santos e Jessé Bueno, interpretam nesta sexta (6), às 19h, na Sala Cecília Meireles, canções espirituais, que remontam aos negros escavizados nos EUA. Acompanham os cantores líricos os músicos Ricardo Amado (violino), Andréa Moniz (violino), Denis Rangel (viola) e Claudia Grosso (violoncelo).

Caroline Bittencourt/Divulgação



Moreno gravou uma faixa com Caetano, Bethânia e os irmãos

TRANSITANDO num mundo paralelo

O cantor e compositor Moreno Veloso apresenta seu novo álbum, “Mundo Paralelo”, no palco do Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (6). A música que dá título ao trabalho, parceria dele com Tiganá Santana e Carlos Rennó, é uma ode em homenagem aos 50 anos do bloco afro Ilê Aiyê. O bloco faz parte da história de Moreno na música. Afinal, a primeira vez que se ouviu a voz dele num disco foi entoando “Ilê Aiyê”, aos nove anos, na faixa “Um canto de afoxé para o bloco do Ilê”, do álbum “Cores, nomes”, de Caetano Veloso, seu pai.

Cantor, compositor e produtor Moreno Veloso mostra no Rival Petrobras as canções de álbum que rompe um hiato de dois anos sem lançar novos trabalhos

Moreno estará acompanhado pelos músicos Pedro Sá (guitarra), Domenico Lancellotti (bateria), Alberto Continentino (baixo) e Leonardo Reis (percussão). No repertório, as novas “É de hoje”, parceria de Moreno com Luís Filipe de Lima, e “Bailando”, música de Piero Piccioni, que ganhou versão de Moreno e Bruno Di Lullo; além de “Não Acorde o Neném” (Moreno Veloso e Domenico Lancellotti), “Deixe Estar” e “Fullgás”, ambas de Marina Lima e Antônio Cícero.

Depois de um hiato de dez anos desde o último disco de estúdio lançado, “Coisa Boa” (2014), Moreno apresenta “Mundo Paralelo”, álbum produzido por ele com dez canções, entre elas a faixa-título lançada, no final de 2023, como

um single, e o samba de roda “A Donzela se Casou”, que traz a participação da família Veloso. A única música não autoral do disco é a regravação de “Deixe Estar”.

O título do disco nos remete a uma outra realidade. Um mundo que nas palavras da música homônima também é transcendental, que vai além do ordinário, uma realidade mais bonita, mais alegre, uma realidade forte e rica que ultrapassa, em todos os sentidos, o que podemos encontrar no dia a dia comum. Um rápido vislumbre desse outro mundo se dá justamente no carnaval e mais precisamente na ladeira do Curuzu no bairro da Liberdade em Salvador, na Bahia, numa noite de sábado.

O disco foi todo delicadamente construído em torno dessa visão transcendente do que pode ser melhor mesmo nas passagens mais conturbadas e desafiadoras da vida como foi a pandemia de covid-19, em meio à qual o trabalho foi inicialmente concebido, explica Moreno.

“Mundo Paralelo” é uma projeção de imagens positivas que apontam para um mundo mais feliz mesmo quando o entorno imediato esteja em total desacordo com a felicidade. Ou seja, um mundo paralelo.

Todo gravado em estúdios caseiros entre Lisboa e Rio e contando com a participação de amigos e parentes, o álbum passou por um período de construção de cerca de dois anos, e vem agora mostrar composições novas e velhas como as parcerias com Quito Ribeiro: “Presente de Natal” e “Vista da Janela” esta última que começou a ser feita no ano de 2002 só não é mais antiga do que a já citada “Deixe Estar”, de 1998.

A feitura desse disco se deve, como sempre, à ajuda dos amigos e parceiros sendo o núcleo principal o estúdio Cave que ficava no porão da casa do Domenico Lancellotti em Lisboa e que serviu como ponto de encontro para iniciar os trabalhos de gravação com Ricardo Dias Gomes, Rodrigo Bartolo e Pedro Sá e de onde vieram seis das dez bases gravadas para o disco. Chegando de volta ao Rio, as gravações continuaram com a presença de Alexandre Kassin, Alberto Continentino, Luís Filipe de Lima, Bruno Di Lullo, Thiago Queiroz, Stephane Sanjuan, Paulo Mutti, Tom Veloso, Felipe Fernandes, Thiago da Serrinha, Kainã do Jêje, Marcelo Costa e Jaques Morelenbaum.

As participações vocais são também especiais com Tiganá Santana em “Mundo Paralelo” que também é de sua autoria, a voz da Nina Becker em “Um Dois e Já” e a mescla instigante das vozes da família Veloso com Maria Bethânia, Caetano, Zeca e Tom participando do samba de roda “A Donzela se Casou”.

SERVIÇO

MORENO VELOSO - MUNDO PARALELO

Tetro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

6/9, a partir das 19h30

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 140

CRÍTICA / LIVROS

Esses moços...

Fotos Divulgação

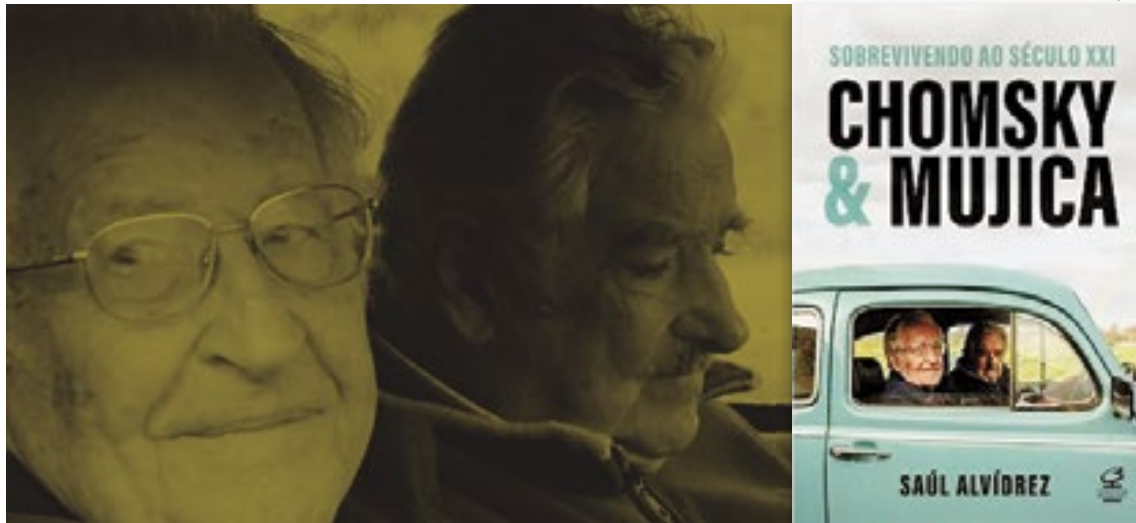
Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

No Brasil, moço não tem idade, é vocativo ou substantivo para designar quem presta serviços, como o moço do gás, o moço da água, o moço da padaria. Nada mais justo que chamar quatro senhores de “moços”, embora o mais jovem deles já tenha ultrapassado sete décadas no planeta.

Qualquer pessoa com uma cabeça aberta para a sobrevivência cultural, social e biológica incluiria em sua vida esses moços de diferentes nacionalidades – o cineasta espanhol Pedro Almodóvar, o ex-presidente do Uruguai Pepe Mujica, o linguista norte-americano Noam Chomsky e o compositor brasileiro Chico Buarque – que trazem algumas de suas ideias em livros recentemente lançados.

Mais celebrado diretor de cinema espanhol da atualidade, Almodóvar se caracterizou por filmes inovadores com uma linguagem visual exuberante com cenários coloridíssimos que jamais ameaçam o brilho de seus intérpretes, alguns lançados por ele ao estrelato, como Antonio Banderas, Penelope Cruz e Javier Bardem. O escritor Almodóvar não mantém a uniformidade brilhante de seu trabalho cinematográfico, mas evoca em doze textos reunidos em “O último sonho” (Companhia das Letras, R\$ 74,90), que ele classifica como ‘contos’, a imensa sensibilidade para temas polêmicos. Há crônicas de momentos vividos, entre elas encontros constrangidos em festas com Andy Warhol, ou os últimos momentos de sua mãe. Nos textos autobiográficos, Almodóvar se refere diretamente à cultura brasileira, seja comparan-



do a mãe, que escrevia cartas para as vizinhas analfabetas, à personagem vivida por Fernanda Montenegro em Central de Brasil, ou se referindo a um livro de Rubem

Fonseca que tira da estante. Ateu, ele é acompanhado pela religiosidade pesada do catolicismo espanhol, que alivia com a tomada de um mosteiro por um gentil

vampiro, ou recriando a história de Jesus Cristo e Barrabás. Se aos contos falta, talvez, a força de um literato, eles trazem um pouco mais da delicadeza e da imensu-

rável criatividade de Almodóvar para perto do leitor.

Em 2017, o cineasta mexicano Saúl Alvidrez promoveu o primeiro encontro entre o “Sábio do Norte”, Noam Chomsky, com o “Sábio do Sul”, Pepe Mujica, na casa do último para gravar o documentário Sobrevivendo ao século XXI. A transcrição das conversas está em Chomsky & Mujica (Civilização Brasileira, R\$ 59,90), com as considerações dos dois pensadores a respeito de democracia, as consequências das mudanças climáticas, a corrupção na política, as crises do capitalismo, entre outros tópicos. Foram três dias de convivência intensa e gratificante, embora Chomsky não falasse espanhol, nem Mujica inglês. Alvidrez, entusiasmado, fez toda a tradução dos diálogos inéditos entre “o intelectual vivo mais influente de nossa era e do político mais querido do mundo”. O resultado é uma troca de ideias vívida e jovial, com enfoques lúcidos e anticonvencionais para os problemas do planeta.

Há treze anos a jornalista Regina Zappa lançou um livro-almanaque reunindo fotografias, manuscritos, correspondência, reportagens e outros documentos para contar a trajetória de Chico Buarque a partir do sucesso de “A banda”, em 1966. Com o personagem completando oito décadas de vida, Regina atualizou as informações da obra do artista-maior do Brasil, que se notabilizou pela música, antes de erigir uma carreira literária respeitável, sempre buscando alertar para a desigualdade social brasileira. Recomendável apenas é ler “Para seguir minha jornada” (Nova Fronteira, R\$ 189) com o livro apoiado em mesa, já que são mais de 500 páginas de registros no volume que ganhou uma belíssima edição.



dos *brasis*

arte e pensamento negro

MAIS DE 420 MIL PESSOAS
JÁ ASSISTIRAM.

Uma exposição com
**384 obras de 241 artistas
negros** do fim do século XVIII
até o século XXI de todos
os estados do Brasil.

Visite até 27 de outubro

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha
(CCSQ), Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



Tragédias que passam despercebidas

Em nova temporada, monólogo 'Carne de Segunda' mostra a história de uma açougueira que destrinchou o marido numa cidade do interior

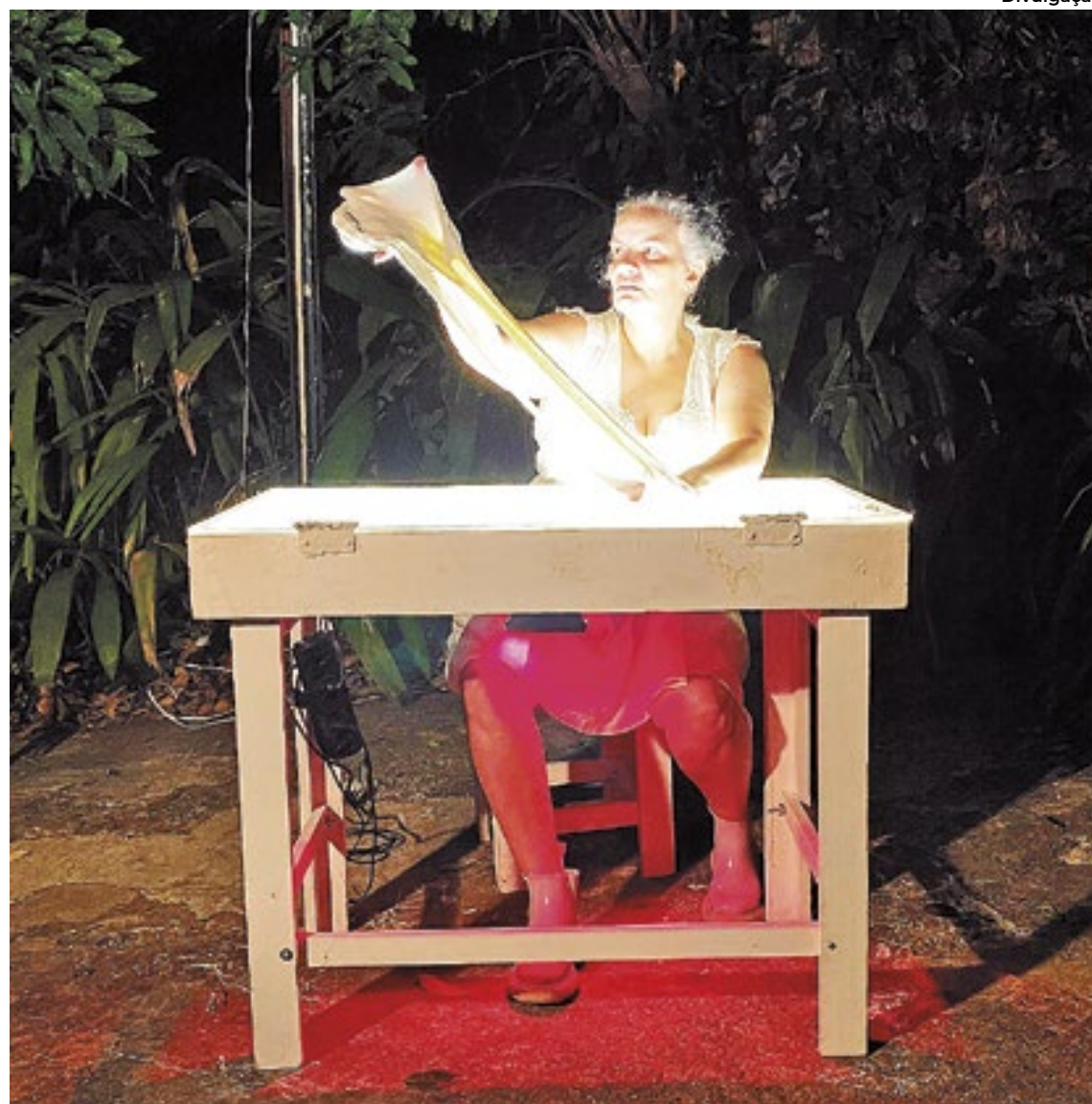
Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Umas dessas notícias de jornal que, geralmente, nem são lidas é a força motriz de "Carne de Segunda", espetáculo escrito por Marina Monteiro, dirigido por Natasha Corbelino e com interpretação de Tatjana Vereza que chega neste fim de semana à sua terceira temporada.

A notícia: uma mulher havia destrinchado o marido. A peça conta a história de uma moradora de uma pequena cidade interiorana que decide ser açougueira, uma profissão incomum para mulheres.

"Da notícia, me chamou a atenção o fato de que todos os vizinhos relataram que o marido a perseguia em volta da casa com um machado e ninguém fazia nada, mas para condená-la esta-



Divulgação

Em seu primeiro monólogo, Tatjana Vereza encarna uma mulher açougueira constantemente ameaçada pelo marido e que decide assassinar e destrinchar seu algoz

vam todos a postos. Fiquei com isso na cabeça e os elementos do texto foram chegando. Um misto de tragédia com grupo do WhatsApp, fofoca de vizinho com coro grego. Os tempos se misturando. Curioso é que não salvei a matéria e nunca mais consegui encontrá-la. Não sei mais se foi delírio, mas foi daí o início. Acho que essa questão da sutileza e delicadeza misturadas com a força vêm muito no traba-

lho com a linguagem, buscando uma dramaturgia que ofereça ambiguidade, abertura, espaço para a atriz, para a diretora, para o público", sintetiza Marina sobre a dramaturgia desenvolvida a partir de sua ideia.

Tatjana Vereza é atriz, produtora e diretora de espetáculos cariocas há mais de 30 anos. "Carne de Segunda" é seu primeiro solo, realizado em 2022, tendo feito temporadas e apre-

sentações em diversos palcos cariocas. Agora, chega ao Parque do Martelo no Humaitá para realizar sua terceira temporada, a céu aberto, no meio da mata, que se transforma em site específico na medida em que a história se passa ao largo das urbes.

Tatjana fala com exclusividade ao Correio da Manhã sobre a sua experiência com essa personagem te tanta complexidade.

Qual a resposta que você tem recebido da plateia em "Carne de Segunda"?

Tatjana Vereza - A plateia fica impactada com a história de uma mulher açougueira, tanto pela profissão que ela escolhe como pela capacidade que essa personagem tem de poder forjar seu destino com as próprias mãos.

E qual o sentimento de fazer uma personagem que acaba se tornando uma assassina?

Tento não pensar nisso. Meu caminho como atriz é me surpreender com as escolhas que ela vai travando ao longo de sua jornada. A morte faz parte de sua vida ao virar açougueira; é seu ganha pão e sua escapatória de sobrevivência. É uma vida forjada no facão. Vou como uma curiosa, buscando contar da maneira que a vida aconteceu para essa mulher.

Como a mulher pode combater a violência?

Acho que pilares anti-violência são: denunciar junto às autoridades, seja ao 180, seja intervir em alguma cena que se presencie, meter a colher mesmo. Não deixar passar, não fingir que não é com você. Se perceber que seu relacionamento subiu o tom das conversas para algo mais violento, pare imediatamente. Amor-próprio, independência financeira e autocuidado. A mulher do século XXI não precisa de homem para validar a sua existência. Pode e deve ocupar outras profissões e construir novos futuros.

SERVIÇO

CARNE DE SEGUNDA
Parque do Martelo (Rua Miguel Pereira, 41, Humaitá)
De 6 a 27/9, aos sábados (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / LECI BRANDÃO - NA PALMA DA MÃO

Marcelo Oliveira/Divulgação



Texto e
encenação
em harmonia

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

A atual cena do teatro no Brasil muito tem me lembrado o movimento das escolas de samba. Há o Grupo Especial (com poucos lutando pelo título), o grupo de acesso, o acesso do acesso, blocos de enredo que um dia serão escolas, ainda que pequenas. Independente dos investimentos, há aqueles que são capazes de serem Midas e o que tocam transformam em ouro e pulam direto para o desfile das campeãs Nesse grupo, está “Leci Brandão - Na Palma da Mão”.

Começamos pelo enredo. O texto e a pesquisa do especialista em samba Leonardo Bruno e que viram teatro pela ótima adaptação dramática de Lorena Lima, Luiz Antônio Pilar e Luiza Loroza. Ao invés de usarem o lugar-comum de biografias, com a ordem cronológica, o que vemos são os momentos importantes, emblemáticos na formação e construção do personagem, com contornos que despertam total interesse.

Como uma escola cujos componentes sabem cantar, sambar no pé, evoluir de forma harmoniosa, o trio de atores Tay O’Hanna (Leci), Verônica Bonfim (Lecy mãe) e Matheus Dias

alcançam a excelência do musical que é dançar, interpretar e cantar, naquele tom, sem necessidade de alterar a voz, qualidades que, mesmo as consideradas campeoníssimas, não conseguem.

A atuação de Veronica, por ser o mais difícil papel, mostrar a diferença de idade entre mãe e filha, a maternidade protetora, presente, acolhedora se dá por expressão corporal: os ombros meio caídos, levemente curvados, passos lentos. Sem contar que Veronica, baiana que é, exibe um fascinante miudinho.

A harmonia entre texto com a competente encenação de Pilar e o comando da evolução pela incrível direção de movimento de Luiza Loroza explodem ao final, com a plateia, cantando, dançando, batendo palmas, confraternizando no maior sucesso de Leci, Isso é Fundo de Quintal, Nem a melhor arquivancada da Sapucaí causa nos assistentes emoção e muito prazer do que se vê.

SERVIÇO

LECI BRANDÃO - NA PALMA DA MÃO

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes 824)

Até 8/9, sexta e sábado (20h) e domingo (19h). | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Diálogos afiados

“Copacabana – Quem decide sobre mim?”, espetáculo inspirado em Nelson Rodrigues e Woody Allen, apresenta diálogos afiados e situações inesperadas. Palco de encontros e desencontros, a montagem explora, com leveza e profundidade, temas relevantes e por vezes incômodos como a maternidade, o peso das responsabilidades femininas, a compatibilidade entre casais, as pressões culturais, o patriarcado, as traições e a crise de meia-idade. Estreia neste sábado (7), às 16h, no Centro Cultural da Justiça Federal.

Divulgação



Divulgação

**Reflexões em cena**

Baseado no conto homônimo de Machado de Assis, “O Espelho”, com direção de Jitman Vibranovski e encenado por Paulo Antunes, está em cartaz aos sábados e domingos na Cidade das Artes. O solo apresenta toda a complexidade e riqueza do clássico machadiano para o público refletir sobre o valor da individuação do ser humano. Todos os personagens da trama aparecem na figura de Paulo. Sem trilha sonora, cenário ou troca de figurino, o ator assume todos os papéis, tendo a iluminação parceira de cena. Após a apresentação, o público é convidado para um debate.

Daniel Barboza/Divulgação

**Memórias e afeto**

Em “As Belas Coisas da Vida”, Dom Miguel passa os verões na casa de praia do tio Tatí, em São Pedro do Mar, onde conversam e brincam de construir castelos de areia. No entanto, a relação deles toma um novo rumo quando Dom Miguel descobre que tio Tatí está perdendo a memória. A partir daí, o menino embarca em uma jornada de aventuras para preservar as boas lembranças entre eles. Música ao vivo, bonecos e formas animadas incrementam a narrativa. Sesc Tijuca (Teatro I). Rua Barão de Mesquita, 539, Tijuca. Sáb e dom, às 16h. Até 13/10. R\$ 10 e R\$ 5 (meia).

SHOW**NELSON SARGENTO 100 ANOS**

*O cantor e compositor Agenor de Oliveira e o músico Paulão 7 Cordas comendam roda de samba em celebração aos 100 anos do saudoso baluarte da Estação Primeira de Mangueir. Sáb (7), às 14h, no Al-Farabi (Rua do Mercado, 34 - Boulevard Olímpico). Grátis

XANTONÉ BLACQ

*Compositor e artista nigeriano-britânico promete apresentar ao público uma experiência musical curiosa, construída a partir de uma conexão pessoal e profunda entre elementos da cultura brasileira e a soul/jazz/funk music. Sex (6), às 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 70 (com visão parcial do palco)

FEIJOADA DO RIVAL

*No mês em que o grande Arlindo Cruz completa 65 anos, o sambista será homenageado na tradicional feijoada do Rival com roda de samba comandada por Marcelinho Moreira, parceiro de Arlindo em vários sambas. Participação especial de Babi Cruz, esposa de Arlindo, e outras surpresas. Sáb (7), a partir das 14h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). R\$ 60

RIOHARP FESTIVAL

*O Duo Diana Grubisic Civovik e Veronica Cikovic (Croácia) apresenta clássicos internacionais para o repertório de harpa. Sex (6), às 12h30; sáb (7), às 15h, e seg (9), às 12h30. Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

DANI NEGA

*Artista preta, lésbica, periférica, cantora e compositora premiada no teatro e na música chega no Rio com o show do seu primeiro trabalho solo na música. Se apresenta em diferentes unidades do Sesc RJfluminenses da instituição: Madureira (6/9), Tijuca (10/9), Copacabana (24/9) e Teresópolis (27/9). Preços variados

CAJU PRA BAIXO

*O grupo faz seu primeiro registro audiovisual do show na Feijoada do Caju tendo como convidados Belo, Chrigor, Bruno Diegues e DJ Rafa M. Dom (8), às 14h na Ilha Itanhangá (Estrada da Barra da Tijuca, 793). R\$ 80



A Menina Escorrendo dos Olhos da Mãe

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Xantoné Blacq

TEATRO**A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE**

*Guída Viana e Sílvia Buarque trocam de geração, mas permanecem no lugar de mãe e filha mostrando erros que se repetem. Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

DUETOS

*Du Moscovis e Patrícia Travassos dão vida a oito personagens em quatro histórias cômicas sobre relacionamentos em texto encenado em diversos países. Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3.900, piso SS1, Barra da Tijuca). Até 22/9, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Entre R\$ 60 a R\$ 280

Divulgação



Caju Pra Baixo e Belo

Renato Mangolin/Divulgação



Juvenal, Pita e o Velocípede

Divulgação



Dani Nega

PANDEMÔNIO

*A peça aborda temas como intolerância e opressão em uma narrativa impactante que se desenrola de trás para frente num futuro distópico em tão distante de nós. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

DICAS PARA SOFRER EM PAZ

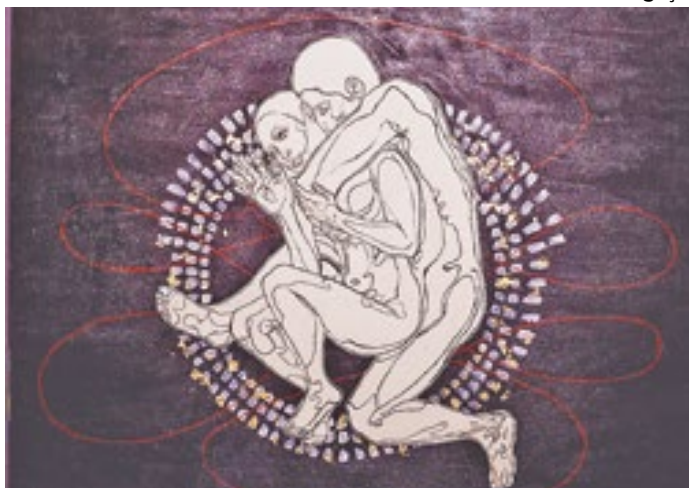
*Encenada por Lulu Carvalho e dirigida por Ana Carolina Sauwen, o monólogo fala sobre como não se desesperar nesses tempos de cultura de superdesempenho e precarização do trabalho. Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Até 15/9, de qui a dom (19h). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

Mauro Kury/Divulgação



Brás Cubas

Divulgação



Oblívio

UM SÓ

*Apenas um participante deste processo seletivo para o elenco de uma peça teatral sairá vitorioso e terá sua vida transformada. Esta é a premissa do espetáculo em cartaz no Estúdio FilmIn (Rua São Clemente, 104 - Botafogo). Até 15/9, sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois jovens caubóis enfrentam adversidades e acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

INFANTIL**LUA, ESTRELA E BAIÃO**

*Musical do grupo Tapete Voador mergulha na juventude de Luiz Gonzaga. Sáb (7), às 15h. Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) e dom (8), às 16h, no Sesc Madureira (Rua Ewbank da Câmara, 90). Grátis

JUVENAL, PITA E O VELOCÍPEDE

*Homem relembra episódios de sua infância. Até 8/9, sáb e dom (11h). Teatro EcoVilla RI Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EXPOSIÇÃO**ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE**

*Um mergulho no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas brasileiras. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

OBLÍVIO

*Lalin Witch apresenta individual com trabalhos que convidam o espectador a buscar suas memórias sem filtros, com a intenção de provocar a reflexão acerca de nossas atitudes. De 9 a 30/9 na Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering - Santo Cristo), seg a sex (10h às 15h) e sábados (14h às 19h).

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

*O artista visual Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação dos visitantes por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

SOBREPOSIÇÕES

*Nando Paulino apresenta pinturas com formas e cores que se fundem para transmitir ao espectador os estados emocionais da condição humana. Até 8/9, de qua a dom (16h às 21h). Espaço Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). Grátis

FESTA**SEXTEMOS!**

*A festa que revive as músicas emo e os hits dos anos 2000 está e volta com karaokê, espaços instagramáveis, jogos e muito mais. Sex (6), a partir das 21h, na Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Veneza nas garras do Coringa, mas de flerte com o Brasil



Disputa pelo Leão de Ouro, que termina sábado, pode consagrar a Arlequina de Lady Gaga, mas não deve deixar de lado a forte repercussão de 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Batman pode até ficar desconfortável, mas o Coringa tem tudo para aprontar outra das suas e mudar o placar da disputa oficial do Festival de Veneza em prol dos candidatos a blockbusters inspirados em HQs. A julgar pelo ferver na 81ª edição do evento, o novo filme do inimigo nº 1 do Homem Morcego pode conseguir um prêmio – tudo indica que a Copa Volpi de Melhor Atriz – para Lady Gaga. Ela brilha no experimento musical “Coringa - Delírio a Dois”.

Ganhando ou não por lá, a continuação do fenômeno de bilheteria que celebrou Joaquin Phoenix sob a maquiagem do Palhaço do Crime já fez sua fama na terra das gôndolas, cravejando-se de elogios, afoita para brigar por bilheterias tão fartas quanto a do longa-metragem original. Se ela sai premiada ou não da Itália, a indústria audiovisual só saberá neste sábado (7), quando o evento chega ao fim.



Coringa - Delírio a Dois



Ainda Estou Aqui



The Brutalist

Foi confiado ao novo documentário do chinês Wang Bing, chamado “Youth: Homecoming”, a tarefa de dar um fecho de



The Room Next Door

honra à peleja pelo Leão de Ouro, que dá o ponto final em sua maratona competitiva nesta sexta (6), ansioso por conhecer as deli-

berações do júri presidido pela atriz francesa Isabelle Huppert que se deleitou com novos trabalhos de medalhões (Gianni Amelio, Pedro Almodóvar) e com gestos de invenção de novas estrelas autorais, sobretudo a georgiana Dea Kulumbegashvili (no páreo com “April”). Para o Brasil, o Lido este ano foi um espaço de consagração, dada a forte acolhida a “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, carregado de favoritismo em múltiplas frentes da competição. Sua estrela, Fernanda Torres, é a mais forte concorrente de Lady Gaga.

Produzido por Rodrigo Teixeira, “Ainda Estou Aqui” marca a volta de Walter à ficção 12 anos depois do subestimado “On The Road”. Sua trama, baseada em romance biográfico homônimo de Marcelo Rubens Paiva, é ambientada no Rio do início dos anos 1970, quando o país enfrenta o endurecimento da ditadura militar, pós AI-5. No epicentro da dramaturgia há uma família, os Paiva: Rubens (Selton Mello), Eunice (Fernanda Torres), filhas e filhos. Eles vivem na frente da praia, numa casa de portas abertas para os amigos, com música e alegria reinantes. Vivem assim até o dia em que Rubens é levado por agentes do governo à paisana e desaparece. Eunice - cuja busca pela verdade sobre o destino de seu marido se estenderá por décadas - é obrigada a se reinventar e traçar um novo futuro para si, para sua prole e para a luta pela liberdade.

Em 1998, Walter ganhou o Urso de Ouro na Berlinale, na capital alemã, por “Central do Brasil”, que o levou a disputar o Oscar. Tinha Fernanda Montenegro a seu lado. Ela volta a escudá-lo em “Ainda Estou Aqui”, vivendo Eunice em idade mais madura.

Almodóvar fez barulho com “The Room Next Door”, ao estreiar na direção de longas de língua inglesa. Há especulações de que vença na categoria de Melhor Direção. Fala-se muito também da atuação de Daniel Craig, em “Queer”, de Luca Guadagnino, em meio às previsões para a Copa Volpi de Melhor Ator. Também se comenta muito (bem) da dobradinha de Adrien Brody e Guy Pearce em “The Brutalist”, de Brady Corbet, considerado por parte considerável da crítica internacional o mais potente dos concorrentes ao Leão de 2024.

Assim que o Veneza chegar ao fim “Coringa: Delírio a Dois” vai surfar nas comemorações dos 85 anos de Batman e buscar seu espaço em circuito comercial. Lady Gaga assume o papel da Dra. Harley Quinzel, a Arlequina. Vale lembrar que, há quatro anos, Joaquin Phoenix ganhou o Oscar por sua atuação como o psicótico personagem. Aliás, o primeiro “Coringa” conquistou o Leão de Ouro.

Divulgação

ENTREVISTA / CRIS D'AMATO, CINEASTA

Acervo pessoal

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Abalada meses a fio, desde 2023, pelo recrudescimento de seu conflito com a Palestina, Israel vivia tempos menos alarmantes em 2022, quando Cris D'Amato - uma das diretoras de maior bilheteria do cinema brasileiro nos últimos 20 anos - foi até lá rodar a comédia "Viva a Vida". Um percurso longo pela pátria de cineastas consagrados como Amos Gitai e Eytan Fox foi essencial para a construção do espírito de road movie que guia o novo longa-metragem da realizadora.

Produzida por Julio Uchôa (parceiro recorrente de Cris), essa saga de encontros e reencontros estrelada por Thati Lopes, Rodrigo Simas, Regina Braga e Jonas Bloch faz sua estreia mundial nesta sexta-feira (6) nos Estados Unidos, durante a competição oficial do 28º Inffinito Brazilian Film Festival, que termina no sábado.

Na trama, dois medalhões idênticos unem os destinos da antiquária Jéssica (Thati), uma jovem desiludida com relacionamentos, e Gabriel (Simas), seu primo. Os dois partem mundo afora atrás de uma terceira relíquia que pertence à misteriosa Hava (papel Regina), cuja rotina com o marido, Ben (Bloch), será sacudida com a chegada dessa dupla do Brasil em terras israelenses. Nesta entrevista, ela fala da equação sentimental que buscou em Israel.

Qual foi a maior descoberta de filmar em Israel e de que forma as diferenças culturais daquela região pesaram na construção da narrativa?

Cris D'Amato: A maior descoberta de filmar em Israel, além das paisagens únicas, da língua completamente diferente e da rica história do local, foi a oportunidade de conhecer e trabalhar com uma equipe israelense. A colaboração entre os profissionais israelenses e a equipe brasileira resultou em um grupo coeso, unido pelo propósito comum de fazer o filme. Apesar de o inglês não ser a língua nativa de nenhuma das duas equipes, a comunicação fluiu de maneira quase mágica, graças à linguagem universal do cinema e da arte. Esse ambiente de colaboração intensa e de troca cultural foi, sem dúvida, um dos pontos altos da experiência, mostrando como a arte pode transcender barreiras linguísticas e culturais, criando conexões profundas e autênticas entre pessoas de diferentes partes do mundo.

Como é que o projeto nasceu?



A diretora Cris D'Amato em Israel durante as filmagens de 'Viva a Vida'

'A arte pode transcender barreiras linguísticas e culturais'

A ideia de filmar em Israel surgiu em 2016 e foi inspirada no conceito de criar um filme no estilo de "S.O.S. Mulheres ao Mar", ou seja, uma comédia romântica na qual mostramos os lindos cenários italianos, de Roma e Veneza, durante as paradas marítimas, mas apenas como pano de fundo. Em 2017, fiz uma viagem a Israel para conhecer e escolher os cenários onde contaríamos nossa história. Percorri de carro quase toda a extensão do país, com um olhar de turista, deixando-me surpreender, buscando lugares que fossem os mais diversos possíveis do Brasil, para despertar a curiosidade do público. Diversos lugares me impactaram, mas eu precisava escolher a

favor da trama. A ideia foi mostrar as surpresas que cada local oferecia, as diferenças culturais e a natureza exuberante, num road movie ambientado em um ônibus de turismo para brasileiros. Percorremos aproximadamente 350 km em direção ao sul do país filmando.

O contexto político de conflito em Israel assustou de alguma forma?

O contexto político de conflito em Israel naturalmente gera preocupações, especialmente para quem não está familiarizado com essa realidade. No entanto, desde as visitas iniciais às locações em 2017 até as filmagens em dezembro de 2022, sempre nos sentimos

seguros percorrendo o país. A experiência no dia a dia das filmagens foi tranquila. Estávamos em movimento constante, viajando de ônibus, vans e carros em direção ao sul (Tel Aviv a Eilat), e a possibilidade de qualquer coisa negativa sequer passava pela nossa cabeça.

Como você avalia a sua parceria com Julio Uchôa, que se estabelece desde sinergia em "Sem Controle", de 2007?

O Julio é um amigo e produtor muito especial na minha vida e carreira. Em 2005, eu era uma jovem 1ª assistente de direção que, entre um filme e outro, fazia análises técnicas para complementar o salário. Havia acabado de entregar para ele uma análise técnica que ele havia me encomendado. Dias depois, ele me ligou dizendo que o diretor não poderia mais fazer o filme e me perguntou se eu não gostaria de dirigir. Tentei dissuadi-lo, dizendo que não era fã do roteiro, e ele me deu carta branca para contar a mesma história principal da maneira que eu quisesse. Quem resistiria a isso?! Ele é o tipo de produtor que, se você apresentar um bom roteiro, vai abrir as portas e embarcar com você na busca por realizar o projeto. E o que mais admiro nele é sua crença no potencial dos jovens artistas. Se hoje sou diretora, é porque ele me deu minha primeira oportunidade em um filme de que me orgulho muito: "Sem Controle". Desde então, nossa amizade e parceria se fortaleceu, especialmente com a série de filmes "S.O.S. Mulheres ao Mar". Retomar a parceria no "Viva a Vida", depois de tantos anos, só fortalece nossos laços de amizade.

Você é hoje uma das diretoras brasileiras de maior bilheteria em nosso audiovisual. De que maneira você avalia a força desse seu sucesso para a consolidação de novos espaços para as mulheres na direção?

O sucesso de filmes de alta bilheteira demonstra que longas dirigidos por mulheres podem ter um grande impacto e alcançar um amplo público. No entanto, a grande bilheteira não é a única forma de ressaltar o talento e o potencial feminino na direção. É essencial acreditar que podemos fazer nosso trabalho sem impedimentos preconceitos. Na minha carreira, trabalhei com muitas mulheres que me inspiraram e ajudaram a ampliar minha visão como artista. Poder fazer parte dessa engrenagem de um efeito cascata positivo, ampliando oportunidades e promovendo maior diversidade no campo da direção, muito me orgulha.

ENTREVISTA / MARIANA CALTABIANO, ANIMADORA E ESCRITORA

‘Os desenhos de uma criança um dia podem inspirar um filme’

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É sempre um deleite ler as imersões de Mariana Caltabiano no oceano lúdico da prosa infantil, em livros como “Arca de Ninguém” e “Garrafinha: A menina que queria fazer amigos”. Dá para notar neles como essa artista anfíbia (parte cineasta, parte escritora) expande os limites da imaginação ao retratar as descobertas da cabeça de uma criança.

Seu recente “O Menino Que Não Sabia Ler” (lançado pela Matrix Editora) ilustra a marca autoral de sua obra, caracterizada por reflexões sobre a educação sentimental de suas personagens. Essa mesma marca se impõe também em seus programas de televisão e em seus longas-metragens, como “As Aventuras de Gui e Estopa” (2009).

Quem for ao cinema hoje poderá perceber a autoralidade de Mariana em cada peripécia da abelhinha que protagoniza seu novo trabalho nas telas: “Zuzubalândia: O Filme”, que entra em circuito neste fim de semana. A produção é um derivado da série de TV homônima, lançada pela realizadora no fim dos anos 1990.

No universo fictício criado por Mariana, Zuzubalândia é um reino encantado onde tudo é feito de comida. Ao lado desse lugar mágico vive uma bruxa que não gosta nem um pouquinho de se alimentar. Disfarçada de web influencer, ela convence as abelhas a pararem de polinizar



e seguirem profissões como youtubers, designers de sobancelha, professoras de ioga e outras. Em pouco tempo, a comida do reino começa a acabar e o único jeito de salvá-lo é passar pelo exército de zumbis da Bruxa e polinizar a última flor mágica da Floresta Mamônica.

Na entrevista a seguir, Mariana explica a gênese de Zuzu e diseca o motor de sua fantasia.

De que maneira o universo lúdico de Zuzubalândia conversa com a tradição literária infantojuvenil brasileira e com nosso histórico de narrativas animadas para crianças?

Mariana Caltabiano: Comecei a desenhar um reino onde tudo era feito de comida aos 9 anos de idade. Aos 25, quando

“*Minha história começa por um livro feito por uma criança e termina com um filme feito por outra*”

Mariana Caltabiano

estava fazendo um curso de cinema em Nova Iorque, percebi o quanto era apaixonada por livros infantis, pois passava boa parte do meu tempo livre visitando livrarias e pesquisando. Nesse período, escrevi o livro “Jujubalândia”, que acabou se tornando programa de TV com bonecos,

peça de teatro e, agora, um filme. O meu objetivo com o livro era proporcionar uma experiência que fosse muito prazerosa para as crianças brasileiras e que despertasse nelas o gosto pela leitura. Para alcançar esse objetivo, coloquei nessa criação, tudo aquilo de que gostava quando tinha nove anos de idade: tobogãs de sorvete, nuvens de algodão doce, camas elásticas de gelatina e outras coisas mais. Já o filme fala sobre a importância da polinização e também nos ensina a não acreditar em tudo o que vemos nas redes sociais. Apesar do filme não contar a mesma história do livro, ambos resgatam o que vivi de mais precioso na minha infância. O universo de Zuzubalândia me acompanha há 43 anos. Por isso, uma das men-

sagens do filme é a seguinte: os desenhos de uma criança um dia podem inspirar um filme. Minha história começa com um livro feito por uma criança e termina com um filme feito por outra.

Que tipo de heroína Zuzu é e o que ela representa acerca da infância, da juventude e mesmo da fantasia?

A Zuzu é uma heroína pouco convencional. Ela é meio egocêntrica e superficial. Está mais preocupada com sua carreira de “Web Diva” e com o desempenho de suas redes sociais do que qualquer outra coisa. Conforme a trama se desenrola, por necessidade, a personagem cresce e acaba conseguindo exercer o seu papel de heroína. Assim como a Zuzu, as crianças e jovens de hoje em dia estão muito envolvidos com as redes sociais. Uma das coisas que o público aprende com a Zuzu é que precisamos ter discernimento e não podemos acreditar em tudo o que os influenciadores dizem.

Qual é o maior desafio de se manter uma franquia animada na atual fase da indústria audiovisual brasileira?

A captação de recursos.

Como é a sua estrutura de produção para a criação de seus filmes? Que técnicas você usa nesse novo longa e qual é o tamanho da sua equipe hoje?

Eu contrato profissionais de acordo com o tamanho do projeto. Para este filme trabalhamos com uma equipe de 50 pessoas no total. A técnica utilizada é a animação 2D.

CRÍTICA / FILME / HELLBOY E O HOMEM TORTO

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Bem equilibrado entre ação e assombração, alternando sequências de batalha febris e cenas sinistras, “Hellboy e o Homem Torto” é um filme B sem medo algum de ser politicamente incorreto, capaz de evocar o charme dos clássicos horroríficos da produtora inglesa Hammer dos anos 1950 e 60. Seu desejo de transgredir o bom-mocismo lhe concede fôlego para oxigenar o filão dos longas-metragens baseados em super-heróis, hoje muito desgastados.

A estética brutal do diretor Brian Taylor, que se destacou nos anos 2000 pelos excessos da franquia “Adrenalina” (com Jason Statham), desafia a pasteurização plástica e narrativa de produções com vigilantes cheios de superpoderes. Nota-se uma assinatura autoral formal em sua direção, conforme acompanhamos uma trama que explora as cartilhas do folk horror (enredos de ambientação rural, com manifestações sobrenaturais do campo, da floresta).

Há um componente a mais, contudo, que imprime singularidade nessa tentativa de se resgatar a atividade cinematográfica de um anti-herói best-seller: a escalação de seu criador, Mike Mignola, como roteirista e como supervisor de dramaturgia. O maior achado desta produção, estrelada por Jack Kesy, está na presença criativa dele.

Definido por alguns como “mistura de expressionismo alemão com Jack Kirby” (em referência ao quadrinista de traços quadrangulares famoso por sua parceria com Stan Lee) e por outros como um “cubista pós-moderno”, Mignola virou um dos artistas gráficos de maior prestígio na indústria de HQs – em âmbito global – sendo estudado também no ambiente acadêmico. Sua forma de contorcer a anatomia humana e a animal (ou mesmo a de monstros) quebra com as convenções helênicas do desenho, estabeleci-



Jack Kesy assume a figura diabólica das HQs da Dark Horse Comics

Assombração com a grife Mignola

das como marca de excelência nos quadrinhos por Alex Raymond (“Flash Gordon”) e Hal Foster (“Príncipe Valente”). Seu jeito de desenhar estilizou-se e virou grife a partir do êxito de “Gotham 1889”, graphic novel lançada em 1989, na qual o Batman enfrenta Jack o Estripador no século XIX.

Anteriormente a essa fase de bonança, o que lhe sobrava era a função de ilustrar capas na Marvel (na revistinha da Tropa Alfa) e na própria DC, onde cuidava do Vingador Fantasma.

Foi nas páginas desse personagem, um ocultista, que Mignola se aproximou do universo no qual construiu sua fama: o horror. A tentação de poder criar um mundo capaz de aproximar as narrati-

vas heroicas de premissas demoníacas e fantasmagóricas levou o ilustrador e roteirista a lançar, em 1993, a figura de Hellboy, cria do Inferno dedicada a proteger os seres humanos da entropia, graças à empatia que nutre pelas diferenças (de raça, de credo, de gênero).

Em 2004, o ator Ron Perlman emprestou a Hellboy todo o seu carisma e abriu espaço para que quadrinhos de selos editoriais médios ou pequenos conquistassem holofotes no audiovisual ao mesmo tempo em que Sam Raimi filmava o Homem-Aranha, Bryan Singer explorava os X-Men e Christopher Nolan investia no Batman.

Depois de uma passagem pelas séries de streaming, Taylor retorna ao cinema com a ajuda ilustre de

Mignola e a sábia atuação de Jack Kesy, hábil ao explorar a amargura que tonifica Hellboy. Filmou a saga do Homem Torto na Bulgária, extraindo requinte do chiaroscuro, na fotografia de Ivan Vatsov. Sua opção dramática foi criar um conto de horror sobre bruxaria, ambientado durante a década de 1950, com base numa minissérie homônima de Mignola de 2008: “The Crooked Man”.

Na tela, Hellboy (Kesy) se une à agente Bobbie Jo Song (Adeline Rudolph) numa missão nas Montanhas Apalaches, em luta contra aracnídeos gigantes. Há, contudo, um perigo maior no local, que remonta à manifestação histórica de bruxas. Além de feiticeiras, representadas por Taylor numa

(bem-vinda) decantação dos arquétipos da bruxaria, a região é alvo de um ser conhecido como O Homem Torto, que, sob as ordens de Satanás, age como um coletor de almas. Conforme investiga os desígnios desse ente sinistro, com a ajuda do bruxo reformado Tom Ferrell (Jefferson White, em inspirada interpretação), Hellboy é obrigado a confrontar segredos de seu passado e buscar um novo direcionamento para sua relação com o Bem.

O saldo de “Hellboy: The Crooked Man” é um competente exercício de cinema de gênero que aposta mais no espanto do que nas filosofias do vigilantismo, bem como se lê nos títulos desenhados e escritos por Mignola.

CRÍTICA / FILME / VOVÓ NINJA

Temas demais para ambição modesta

Divulgação

Por Marcelo Miranda
(Folhapress)

Mais de dez anos atrás, em 2013, Bruno Barreto estreou dois filmes díspares no circuito: a comédia “Crô”, que adaptava aos cinemas o personagem interpretado antes na TV por Marcelo Serrado, e o drama “Flores Raras”, no qual Glória Pires e Miranda Otto viviam respectivamente a arquiteta Lota de Macedo Soares e a poeta Elizabeth Bishop.

No hiato da última década, Barreto se dedicou a vários projetos de séries de ficção e documentário. Ele chega agora a 2024 com dois títulos lançados em sala, ambos comédias sobre relações familiares: “Vovó Ninja”, que estreia nesta quinta, e “Férias Trocadas”, exibido em maio. O diretor ainda tem um inédito, a comédia adolescente “Traição entre Amigas”, com Larissa Manoela.

São projetos com cara de encomenda nos quais Barreto, cineasta que nunca escondeu o pendor de fazer filmes populares e comerciais - tendo sido, por décadas, o campeão nacional de bilheteria com “Dona Flor e seus Dois Maridos”, de 1976 -, atua como artesão.

No caso de “Vovó Ninja”, a atenção maior está em Glória Pires, repetindo parceria com o cineasta depois da boa repercussão de “Flores Raras”. São, porém, propostas diametralmente distintas. Desde o cartaz, é perceptível o quanto o novo filme quer se apresentar como um passatempo para toda a família.

Ares de “Sessão da Tarde” surgem já nos primeiros instantes,



Bruno Barreto volta aos cinemas dez anos após ‘Flores Raras’ repetindo parceria com Glória Pires

num prólogo mostrando crianças a brincar numa região rural e temendo entrar no terreno de uma mulher supostamente descontrolada e perigosa. O tom é de humor simples e infantil, algo entre “Sítio do Picapau Amarelo” e algum derivado dos Trapalhões, mas o anticlímax da cena inicial ainda não deixa que se perceba, de fato, do que se vai tratar.

No avançar do enredo, “Vovó Ninja” se revela, em sentido mais amplo, uma narrativa sobre o choque entre cidade e campo na perspectiva das três crianças netas de Arlete, personagem de Glória.

O trio vai passar parte das férias no sítio da avó. Logo na chegada delas, as imagens do filme se expandem em paisagens abertas e espaçadas. Elas ilustram os conflitos entre a juventude hiperconec-

tada e de pouca interação social e as exigências rigorosas da avó de fazer as crianças curtirem natureza e comida saudável, que são a tônica principal do longa.

Não é exatamente assim. Todas as relações e dramas são bastante telegrafados, com certo estilo de diálogos de novela que mostram, de partida, a relação mal resolvida entre Arlete e a filha, vivida por Cleo Pires. O distanciamento entre as duas é o disparador do filme justamente porque ficar com as crianças no sítio é também obrigar Arlete a construir vínculos que ela nunca conseguiu.

Os motivos disso estão, de certa forma, no título do longa-metragem, mas a ideia de “ninja” aqui é uma visão estritamente infantil e limitada do fato de que a mulher é campeã de kung fu. Não

à toa, quem a aponta como “ninja” é a criança mais jovem, Davi, vivido por Angelo Vital, que se empolga ao descobrir que a avó domina golpes certeiros contra uma turma de ladrões no meio da madrugada.

Muita coisa se acumula num filme cuja superficialidade parece ser deliberada pela própria despreensão. Tanto o roteiro de Gustavo Acioly e Rodrigo Goulart, com colaboração de Glória Pires, quanto a direção de Bruno Barreto fazem o trabalho básico de deixar a trama andar, atravessada por conflitos pouco estimulantes e um “timing” relativamente desconjuntado nas potenciais boas piadas ou nas cenas de mais movimentação e luta.

Talvez isso aconteça porque a vontade de “Vovó Ninja” parece

ser, de fato, a costura do relacionamento perdido entre mãe e filha, algo que o filme, mesmo com apenas 90 minutos, demora e redundante um bocado até finalmente alcançar.

É como se o drama de família propulsor do projeto fosse retido pela aventura infantojuvenil cheia de brigas entre vizinhos por bolas de futebol, de caçadas a tesouros escondidos embaixo de pedras ou de indícios de um começo de puberdade.

Entre uma coisa e outra, “Vovó Ninja” ainda quer transmitir o impacto de escolhas estritamente pessoais na intimidade de um núcleo afetivo, usando a filosofia do kung fu como algo um tanto alheio à realidade dos demais personagens. É muita coisa para uma estrutura dramática ligeira demais.

Diana Cabral/Divulgação



D'amici

Versões clássicas e criativas para uma *tradição italiana*

Veja um roteiro com diversas sugestões irresistíveis de nhoque

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Não é só no dia 29 que o nhoque faz sucesso nos restaurantes cariocas, com a promessa de prosperidade e sorte, segundo a tradição. Simpatias à parte, o prato tem seu lugar no coração dos fãs da culinária italiana. Originalmente feito com batata, é uma receita versátil e ganhou diversas versões como a de vatapá, feita pela chef Katia Barbosa, no Sofia e a de banana da terra, oferecida na unidade carioca do Baleia. Confira essas dicas e muito mais no roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:

Divulgação



Açafrão Cucina

Tomás Vélez/Divulgação



Oggi

Divulgação



Sofia

Tomás Rangel/Divulgação



Cantina da Praça

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Babbo Osteria

Divulgação



Baleia Rio's

AÇAFRÃO CUCINA - A risoteria do Recreio oferece em seu menu nhoques artesanais produzidos na casa. O cliente pode escolher entre o de batata (R\$ 42) ou de baroa (R\$ 48) com molhos de tomate, bolonhesa, branco ou três queijos. Outra opção é o nhoque de vatapá (R\$ 55) feito com molho apimentado de bobó de camarão. endereço: Av. Guignard, 770. Tel: (21) 98178-0846.

BABBO OSTERIA - No italiano do chef Elia Schramm, o carro-chefe da casa é o Funghi & Tartufo (R\$ 79), um gnocchi doratti com cogumelos e salsa de trufas.

Rua Barão da Torre, 632 – Ipanema. Tel: (21) 3197-2801.

BALEIA RIO'S - Na unidade carioca do restaurante é possível encontrar no menu o nhoque de banana da terra grelhado ao molho de camarão cremoso (R\$ 106), assinado pelo chef Bruno Barros. Av. Infante Dom Henrique s/nº - Espaço Baleia - Aterro do Flamengo. Tel: (21) 2018-3235.

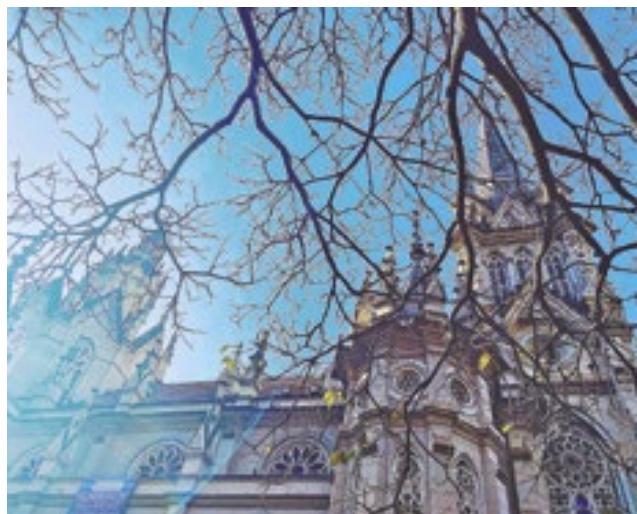
CANTINA DA PRAÇA - No restaurante italiano, em Ipanema, as massas frescas são destaque. Uma delas é o Gnocchi al Ragù di Funghi (R\$79), um nhoque

de batata, com ragu de cogumelos frescos e trufados que entrou recentemente no cardápio. Ainda há o clássico Caprese (R\$ 59) feito com batata, muçarela de búfala, molho pomodoro e basilico, que chega à mesa gratinado e numa panelinha clássica italiana. Rua Jangadeiros, 28. Tel: (21) 32589540.

D'AMICI - No restaurante italiano, localizado no Leme, um dos carros-chefes é o Gnocchi Fritti al Gorgonzola (R\$ 87). Um nhoque frito com molho de queijo gorgonzola e carne seca. Rua Antônio Viêira, 18. Tel: (21) 2543-1303.

OGGI - O chef José Barattino acaba de colocar no cardápio da pizzeria um novo prato: o nhoque com fonduta de parmesão e tartufo (R\$ 67) e ainda é gratinado no forno de pizza. Rua Uruguai, 303 – Tijuca. Tel: (21) 97525-6223.

SOFIA - A chef Kátia Barbosa serve duas opções de nhoque no menu fixo da casa. São eles: o nhoque de vatapá com camarão, leite de coco, amendoim, dendê e pimenta dedo de moça (R\$ 82) e o nhoque de aipim com manteiga e sálvia (R\$ 45). Rua Barão de Iguatemi, 257C, Praça da Bandeira. Tel: (21) 96973-9781.



Cataguá inebriante



E AS GERAIS; NÃO HÁ DEMAIS?

Mas, a poeta-poetiza dança a valsa vienense itabirana, então (me)ninhas há. Flui, no trem das Minas, enorme delicadeza primavera, flui como se fora, mundo afora, que aflora, deflorando a madrugada, frescor de ora-pro-nóbis, ramalhetes beatlemaniacos. Flui Cipó-Mangabeiras pele carmim. Brigam Holanda e Espanha. Holanda e as gaivotas, Espanha e seu mar.

Enamorada felicidade, pura verdade. Verdes esmeraldas de Oxossi, águas, ouros d'ouros d'Oxum, contas de citrino sagrado. Contas contos contados. Nos contamos nosso canto cantado, encanto do mais puro encantado. Contas, somente contas, em teu olhar-mineiral, duas contas turmalinadas. Princesa de sonhos vívidos vívidos mulher, como já não há, ardente corpo celestial, tal celeste azul do éter, topázios em girassol setembranos.

Minas divinal, espectro onírico, espelho da realidade expostos em nossos corações. Etérea, quinta-essência, gueixa Kabuki, olor essencial de tom jasminal, campo coberto em flor de cerejeira. Idiossincrática, elementarmente Atena, miradouro-minad'ouro de exemplos dadivosos falena imperial, efeito borboleta, camaleoa enclausurada, crisálida metamorfose, libertas quae sera tamen - nunca serás tarde! Airosa, pela formosa rosa ardósia.

És assim, somente, e tão somente assim, a vivência dos cinco elementos fundamentais: és fogo que me consome, és ar que me tiras, és água que me banha, és terra que te broto e és amor brotado pelo calor da terra, regado pelas vertentes que abrolham das tuas grutas, sopro pueril. Teu nome, ah teu nome... Pasárgada, turmalina negra como a noite. Vou me embora para lá... lá, sou amante e terei teu corpo no catre que escolherás. Meu porto mais que seguro Horizontina cidade. Teu nome é amor-mulher.

Ame, amar, amém, não estou mais só na América, há uma canção. Tenho meu porto seguro mineiral. Amanhã, amanhecer em você Minas Gerais.

